

UNITA-Renamo — diferenças? 3/7/85

A UNITA e a Renamo constituem a mesma face de um mesmo problema. Representam uma mesma estratégia para a eliminação de África Independente.

A luz dos objectivos que cada um destes grupos persegue, não há lugar para definições diferentes. Se o passado pode ser evocado, que o seja para recordar o essencial.

Angola e Moçambique são confrontados com realidades semelhantes — e não há diferenças de pormenor, rebuscadas no tempo, que possam marcar estratégias desencontradas.

Moçambicanos e angolanos «estão condenados» à unidade no essencial e nenhum dos dois pode resolver problemas próprios à custa do outro, porque o inimigo é comum.

Luanda e Maputo poderão considerar actuação semelhante frente ao mesmo adversário em tempos diferentes, mas a oportunidade das acções de um não obriga a iguais considerações do outro.

Os problemas de Angola e Moçambique são problemas africanos e, por isso, concitam as preocupações de todo o Continente. Não nos parece curial, portanto, que as suas dificuldades possam ser utilizadas por africanos no interior de estratégias exteriores a estas preocupações.

Maputo, ao negociar os acordos de Nkomati, fê-lo na convicção de que dava passos para solucionar os seus próprios problemas, sem sacrificar o essencial da sua própria definição como regime africano — foi nessa convicção que tais acordos foram apoiados pelos africanos que já ultrapassaram, de algum modo, os mitos dos anos 60.

Se os resultados dos acordos celebrados não foram, até hoje, o que, legitimamente, se esperou deles, há que procurar as causas em Moçambique, na África do

Sul, nas condições internas de cada um dos países envolvidos em Nkomati.

Ressuscitar mitos de 60 em 1985 tem o sabor a recado de terceiros que já revelaram incapacidade para perceber o que se passa em África. Não se pode sugerir, em jornais portugueses conotados com grupos que apoiam tanto a UNITA como a Renamo, que Angola deve seguir os passos de Moçambique.

Classificar a UNITA como movimento nacionalista, atribuindo-lhe como causas dos erros um conflito com o MPLA, afirmando, em contraponto, que a Renamo é um bando armado, é, no mínimo querer vender a cabeça do vizinho porque a sua está condenada.

Fazer distinção entre os meios e os objectivos da UNITA, é, no mínimo, esquecer os princípios que justificaram todo o Movimento de Libertação Nacional Africano.

Confundir as questões angolana e moçambicana, na Imprensa portuguesa, acusada, tanto por uns como por outros, de ingerência abusiva nos assuntos internos de ambos os países, é, no mínimo, procurar o melhor veículo para o recado que nenhuma Imprensa africana veicularia.